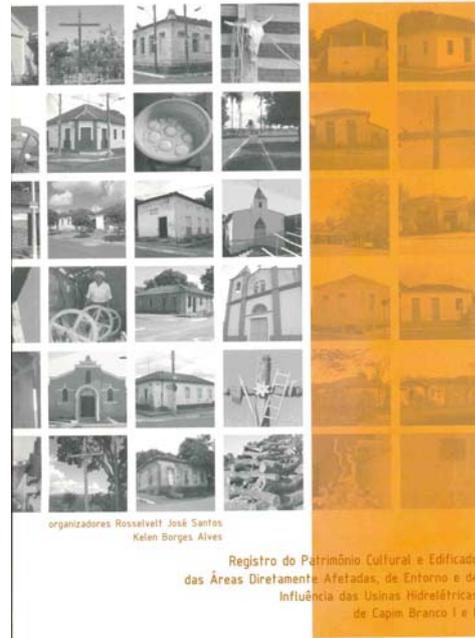


RESENHA

SANTOS, Roosevelt José; ALVES, Kelen Borges (Orgs.) *Registro do Patrimônio Cultural e Edificado das áreas diretamente afetadas, de entorno e de influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II*. Uberlândia: Composer, 2005, 152p.



Mirne-Gleyde Lagares
Mestranda do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/UFG.

Esta obra centra sua análise na influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II, construídas no rio Araguari, nos municípios de Araguari e Uberlândia, região do Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais. O enfoque é sobre as comunidades e áreas diretamente afetadas, de entorno e influência das usinas. Os autores recorrem às paisagens dos lugares atingidos para promoverem o proposto: um registro da paisagem no qual sirva de memória coletiva dos lugares, bem como, das próprias manifestações culturais para as comunidades, a região e, em especial a Araguari e Uberlândia.

A pesquisa foi dividida em duas etapas: pesquisa documental e trabalho de campo. A primeira direcionou-se para a legislação, bibliografias e visitas técnicas em órgãos públicos, privados e instituições. A segunda baseou-se em entrevistas, aplicação de fichas de inventário – organizados de acordo com modelo e orientações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais -, registros métricos e fotográficos, revisão bibliográfica, vivência nos locais a serem inventariados. Neste sentido, termos e conceitos como: sesmaria, estrada de ferro, cruzeiros, comunidades, festas, simbolismo, religiosidades, patrimônio edificado, topônimos foram perpendiculares às segmentações

da pesquisa. Assim sendo, a proposta desenvolvida teve seus resultados estruturados em cinco capítulos, glossário de termos arquitetônicos e álbum de fotografias. Alguns capítulos com preponderâncias empíricas, outros com mesclas teóricas e descritivas.

No primeiro capítulo, intitulado “Definição, características e processo de ocupação da área de estudo”, os autores retrocedem ao histórico de uso e ocupação do Triângulo Mineiro, enfatizando Uberlândia e Araguari. O território do Triângulo Mineiro, antigo Sertão da Farinha Podre, situado a oeste de Minas Gerais, foi passagem de mineradores e tropeiros a partir do século XIX, mas sua ocupação só se efetivou com a instalação das sesmarias e fazendas. Os autores referem-se a outro marco importante para a urbanização da região, a Estrada de Ferro da Cia. Mogiana, a qual propiciou a dinamização do comércio, o desenvolvimento e a infra-estrutura das cidades. Araguari e Uberlândia são reflexos destes momentos e suas histórias se confundem com a do próprio Triângulo Mineiro.

“Patrimônio Edificado: história e características arquitetônicas” é o segundo capítulo. Neste, os autores descrevem minuciosamente os aspectos materiais das construções atingidas pelas usinas hidrelétricas Capim I e II. Para eles, o patrimônio edificado é um registro da paisagem capaz de retratar fundamentos simbólicos e identitários dos lugares e das comunidades. Assim sendo, na UHE Capim I ressaltou-se as características da Capela do Salto, da Ponte do Pau Furado, as fazendas Tenda, Laje e Marimbondo. Na UHE Capim II, abarcou-se a região do Fundão, distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos. Como pontos, destacou-se a Estação Sterverson, a Fazenda Barra Grande, as capelas, os coretos de leilões, os salões de festas, os cruzeiros impulsionadores da construção de vilarejos. Nestes são salientados os estilos arquitetônicos (ecletismo, art Déco, etc), os elementos arquitetônicos (adobe, balaustrada, bandeira, capitel, frontão, guarda-pó, estuque, etc), as ordens arquitetônicas (toscana, jônica, etc).

O capítulo terceiro, nomeado “Toponímia”, enfatiza a relação dos nomes dos lugares com a história e espacialidade dos mesmos. A toponímia, para os autores, é uma “manifestação das relações humanas no espaço”, a qual estabelece uma rede de significados aos lugares e as comunidades que as vivem. Deste modo, a análise da obra perpassa por “taxionomias toponímicas”, inspiradas em Dick (1990). São eles: geomorfotopônimos, litotopônimos, fitotopônimos, hidrotopônimos, zootopônimos, antropotopônimos, hierotopônimos, animonotopônimos, ergotopônimos,

sociotopônimos, cronotopônimos, numerotopônimos, etnotopônimos, somatopônimos, meteoritopônimos. Estes são apontados conforme as localidades apresentadas no segundo capítulo.

No quarto capítulo, “Símbolos, religiosidade, técnicas produtivas e costumes regionais”, destaca-se a importância da família, da “instituição do compadrio”, dos mutirões na produção material e simbólica do Cerrado em Araguari, Uberlândia e seus respectivos distritos e vilas. Analisa-se, neste capítulo, o significado social dos objetos para os grupos sociais e/ou comunidades e de que forma isto está intrinsecamente agregado aos valores, crenças, normatização moral e ética destes grupos. Segundo os autores, os simbolismos geridos, a religiosidade e os costumes regionais estão intimamente ligados às técnicas produtivas. Assim, os objetos passam a ser portadores de rituais sociais que asseguram a coletividade, a solidariedade, os encontros, o surgimento de vilarejos, a fé, as crenças, os mitos, as festas, o saudosismo e a sobreposição dos tempos e espaços nos lugares presenciados pelas comunidades.

“Significados das festas: costumes, tradições e saberes” é o quinto capítulo, no qual há uma contigüidade expressiva do tema anterior. Ambos permeiam o entendimento de que há forte influência das técnicas produtivas na compreensão e (re)organização simbólica dos lugares. Neste capítulo, os autores, com base nas entrevistas, afirmam que as pessoas “[...] faziam os rituais de religiosidade para estimular o encontro entre os vizinhos, promover acordos no processo produtivo dos roçados e na criação do gado” (p.100). Neste íterim, a festa tem o papel fundamental para unir o grupo para organizar a plantação e a colheita, ou seja, as datas festivas estão ancoradas nos períodos antecedentes ou procedentes a produção agrícola. Os autores ressaltam, também, o grande significado das comunidades nestes festejos, uma vez que o trabalho não é remunerado e dividido em comissões organizadoras. Assim sendo, é esta coesão a mantenedora dos rituais, das tradições e dos saberes repassados de geração em geração. Este capítulo faz ainda uma descrição detalhada de inúmeras festas religiosas dedicadas a santos devocionais católicos, descrevendo os aspectos sagrados e profanos das mesmas.

Esta obra nos permite fazer a leitura do espaço geográfico pelas expressões das paisagens, pelo significado dos lugares presentes, memoráveis e futuros, pela intrínseca relação da natureza e do homem na organização do seu tempo cíclico e/ou linear, nas relações de trabalho, no lazer, na fé, enfim, nas relações sociais espacializadas nas áreas

afetadas pelas Usinas Hidrelétricas Capim Branco I e II. Em sua essência, estas relações estão situadas sobre a égide da sobrevivência social, material e simbólica, advindas da intensa reciprocidade homem-natureza e homem-homem. Desse modo, pelo olhar interpretativo do observador e pela vivência dos homens e mulheres em comunidades no Cerrado, o espaço geográfico materializa-se e os pesquisadores evidenciam o mesmo com múltiplas reflexões teórico-metodológicas geográficas.

Em síntese, a obra chama a atenção do leitor. É, em um só tempo, descritiva, analítica, metódica, audaciosa e pertinente nas análises. Faz um salto qualitativo em termos metodológicos ao utilizar o método iconográfico em praticamente todas as páginas, além do acréscimo do álbum de fotografias. A partir dele é possível aportar ao leitor aquilo que o tempo dos avanços tecnológicos está apagando paulatinamente: os objetos, os símbolos e as representações sociais das comunidades rurais. Este registro patrimonial é a marca de tempos e de espaços que serão afogados pelas águas da modernização produtiva, das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II.

Recebido para publicação em outubro de 2007

Aprovado para publicação em novembro de 2007